



© Lucía Serrano

# HORA DO ALMOÇO

Ilan Brenman

## Resenha

Para terminar um simples almoço, um pequeno garoto exige de seu pai grandes doses de imaginação. E não há universo longínquo ao qual o pai não esteja disposto a viajar para que seu filho se alimente. Há garfadas que podem virar contos de fada: a boca que precisa se entreabrir para receber uma colherada pode se transformar na floresta onde Chapeuzinho Vermelho tenta entrar; o portão que precisa se abrir para que João e Maria não sejam devorados pela bruxa, ou a porta da casa de um dos porquinhos que precisa se abrir para que o lobo não comece a assoprar. Há também garfadas esportivas: o garfo ou colher pode virar uma bola a caminho do gol, uma flecha prestes a atingir o alvo, ou até o peso excessivo levantado por um halterofilista. Sem esquecer, é claro, as clássicas garfadas aeronáuticas: além do bom e velho aviãozinho, o pequeno garoto pode ser seduzido por um foguete ou até mesmo um disco voador...

Em *Hora do almoço*, Ilan Brenman e Lucía Serrano criam um livro lúdico em que uma mesma situação – a de um pai que tenta dar o almoço a seu filho – pode se desdobrar em diversas situações analógicas ou metafóricas. O livro é dividido em quatro categorias: *as garfadas contos de fadas*, *as garfadas esportivas*, *as garfadas animais* e *as garfadas aeronáuticas*. Em cada um dos casos, deparamos com uma mesma estrutura: a cada página dupla,



Coordenação:  
Maria José Nóbrega

o texto apresenta o universo imaginário evocado pelo pai para transformar a colherada em um jogo mais saboroso, enquanto a ilustração retrata a situação cotidiana do almoço, acompanhada de seres em miniatura que evocam a metáfora escolhida pelo pai, uma imagem do universo imaginário em que o garoto é convidado a mergulhar.



## Depoimento

De Maria Fernanda Silva Pinto,  
*professora e mãe*

Alimentar-se não é apenas um ato de necessidade do corpo. O preparo dos alimentos e os hábitos ao comer estão repletos de uma infinidade de valores culturais que vamos aprendendo e reinventando, cotidianamente, desde pequenos: isso se come, isso não; esse é cru, esse é cozido; esse é com a mão, esse é com talher.

Da mesma maneira, é através do cotidiano que vamos aprendendo coisas importantes sobre os cuidados, os trabalhos e suas divisões, principalmente no interior da casa. Essas reflexões todas me vieram à mente, quando, ao folhear o livro, minha pequena disse: "Aparece o papai. Cadê a mamãe?"

Na história, quem está cuidando da partilha de alimentos e valores é um pai – e não uma mãe, avó ou babá, como ainda estamos habituados a ver. Através das afetuosas ilustrações de Lucía Serrano, vamos nos aconchegando em um momento de ternura e paciência desse pai sereno que inventa um mundo de possibilidades e vai alimentando seu bebê também com a nossa cultura.

A cada garfada, saboreamos também os contos de fada, o movimento dos bichos, dos esportes e até o clássico aviãozinho. Essas são algumas das artimanhas que vão compondo as modalidades desse jogo vitaminado, no qual só há ganhadores.

Para minha filha, ver um pai cuidando da comida foi algo familiar. Tanto seu pai quanto seu avô

materno adoram cozinhar e inventar pratos. Mesmo assim, ela notou rapidamente a ausência da figura materna, permitindo que conversássemos também sobre nós, que somos uma família de pais separados.

Ao longo da leitura, fomos inventando hipóteses sobre essa família. Será que a mãe foi trabalhar? Será que o bebê só tem pai? Ou será que são separados e cada um vive em uma casa? Ela poderia estar dormindo? Ou na aula de trompete?

Ler com os pequenos é sempre uma aventura que transborda a própria leitura. Muitas vezes, as conversas mais importantes para nós acontecem mediadas por uma história. Talvez com as crianças seja mesmo assim, como um atalho ao contrário: é preciso pegar o caminho mais longo para chegar aonde se quer. Não sei como elas fazem isso, mas é profundamente desafiador e apaixonante.

Sem dúvida nenhuma, somos nós que vamos apresentando o mundo a nossas crianças, não só através do que falamos, mas também – e principalmente – através do que fazemos. Da mesma forma, quando nos permitimos observar as crianças e como elas estão conferindo sentido às coisas que vivem, temos a oportunidade de aprender muito sobre nós mesmos e sobre a maneira como nos apresentamos a elas.

De um jeito muito terno e discreto, esse livro tem o grande mérito de apresentar uma relação paterna amorosa, construindo-se como algo comum, no cotidiano da vida. Uma referência poderosa, que nos ajuda a refletir socialmente sobre o que somos e sobre o que podemos ser.

## Um pouco sobre o autor

**Ilan Brenman** tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP, já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados (além de vários no exterior), entre os quais *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam selos de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: [www.bibliotecailanbrenman.com.br](http://www.bibliotecailanbrenman.com.br).

## Leia Mais

### Do mesmo autor

- ✦ *A bolsa*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O livro da com-fusão – Animais*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O livro da com-fusão – Família*. São Paulo: Moderna.

### Do mesmo gênero e assunto

- ✦ *A casa sonolenta*, de Audrey Wood. São Paulo: Ática.
- ✦ *Pêssego, pera, ameixa no pomar*, de Ana Maria Machado. São Paulo: Salamandra.
- ✦ *Não quero ir para a cama*, de Julie Sykes. São Paulo: Martins Fontes.
- ✦ *A parte que falta*, de Shel Silverstein. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *A parte que falta encontra o grande O*, de Shel Silverstein. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

